

Discurso de Jorge Sampaio por ocasião dos vinte anos da assinatura de adesão de Portugal às Comunidades Europeias (Lisboa, 12 Junho 2005)

Caption: No dia 12 de Junho de 2005, por ocasião da cerimónia comemorativa organizada para os vinte anos de adesão de Portugal e Espanha às Comunidades Europeias, Jorge Sampaio, presidente da República Portuguesa, discursou no Mosteiro dos Jerónimos de Belém, em Lisboa, evocando nomeadamente a importância cultural desta adesão para a Península Ibérica.

Source: Discurso de SAXE PR, por ocasião da Cerimónia do 20º Aniversário da Adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia. [EN LIGNE]. [s.l.]: présidence de la République portugaise, [24.02.2006]. Disponible sur <http://www.presidenciarepublica.pt>.

Copyright: (c) 2006 Presidência da República Portuguesa

URL:

http://www.cvce.eu/obj/discurso_de_jorge_sampaio_por_ocasiao_dos_vinte_anos_da_assinatura_de_adexao_de_portugal_as_comunidades_europeias_lisboa_12_junho_2005-pt-bb11c5a0-1582-4938-b494-e360d56e5773.html

Publication date: 05/09/2012

Discurso de SEXA PR, por ocasião da Cerimónia Comemorativa do 20 Aniversário da Adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia

Mosteiro dos Jerónimos

12 de Junho de 2005

Senhor Primeiro-Ministro,
Senhor Felipe González
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Há datas na vida das nações que servem de marcos para melhor orientar os caminhos da sua história. Por isso as celebramos, pois ao recordá-las reavivamos ensinamentos e convicções.

Assim ocorre hoje ao comemorarmos o aniversário da Assinatura do Tratado de Adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia.

Há 20 anos, neste mesmo local, iniciava-se um novo ciclo no singular percurso histórico dos dois países ibéricos, que viam assim reconhecida e reforçada a sua então recente restauração democrática. Dificilmente seria possível escolher lugar mais apropriado para formalizar tal opção, pois estas pedras encerram memórias antigas dessa gesta notável que conduziu espanhóis e portugueses para além dos mundos conhecidos, levando consigo a notícia da Europa, das suas gentes e da sua cultura.

Para Portugal, o reencontro com a sua matriz europeia selou o advento de uma nova idade. Para trás, ficava a história prestigiosa de um povo que soubera com rara determinação superar limites e obstáculos; mas também, e então ainda perto, o longo período sombrio de uma ditadura derrubada pela manhã libertadora de Abril. Ao escolher o rumo europeu, a nação confirmava o regresso às suas raízes culturais, às suas tradições democráticas, à sua sempre presente vocação de abertura ao mundo.

A adesão à Europa constituiu assim uma opção estratégica estruturante para o país novo de Abril. Embora extensamente minoritárias, não foram poucas as vozes que nos trabalhos preparatórios da negociação se ergueram – dentro e fora – duvidando das capacidades portuguesas para enfrentar o desafio e as obrigações dele decorrentes. Depressa os factos se encarregaram de mostrar o erro do seu cepticismo e o acerto de uma decisão que consolidou o regime, devolvendo ao país, o lugar numa Europa de que é uma das mais antigas nações.

Ao acederem à então Comunidade Económica Europeia, Espanha e Portugal não só ajustavam o rosto da Europa à realidade política, como contribuía – com as suas seculares experiências históricas, repartidas por vários continentes – para uma mais rigorosa sensibilidade europeia na formação das suas grandes opções externas. Para os dois países, abria-se igualmente um amplo espaço promotor de modernidade e progresso, terreno fértil para transformar mentalidades e favorecer empreendimentos.

Nunca será demais, pois, recordar o acervo de realizações e de novas possibilidades de intervenção reunido pelos dois países durante estes vinte anos de activo envolvimento no projecto europeu. É antes imperioso assinalar esse caminho de sucesso já realizado, agora que um sentimento de crise parece alargar-se na Europa, suscitando incompreensíveis júbilos, convites à desistência ou incorrectas simplificações desligadas da prática quotidiana da União. Decerto que são legítimas algumas das dúvidas e críticas ao projecto integrador, mas importará medir este em toda a sua inteireza, na sua notável construção jurídico-diplomática, evitando condenações sumárias e apressados obituários. Decerto também, que na ainda breve história da integração europeia, tem-se registado uma relação muito directa entre situação económica e a diferente adesão dos seus cidadãos, numa conexão hoje agravada pelas inquietações trazidas por uma difícil conjuntura internacional e pelo impacto de uma globalização por vezes fracturante.

Perante a crise que a Europa agora defronta, temos como europeus uma clara obrigação de resultado: proteger de eventuais paralisias o projecto integrador garante de paz e de desenvolvimento num continente ainda a braços com perigosos focos de instabilidade e conflito. Cabe-nos defendê-lo com lucidez, neste difícil princípio de século, que exige afinal mais abertas cooperações e entendimentos para salvaguardar a

segurança e os interesses comuns.

A opção aqui formalizada há vinte anos continua a formar uma trave mestra decisiva sobre a qual os dois Estados ibéricos pretendem construir o seu futuro. A Espanha, ao ratificar o Tratado Constitucional, deu já um importante passo no caminho então encetado. Estou seguro de que Portugal, por seu turno e quando para isso for chamado, estará à altura das suas responsabilidades, reafirmando a sua vontade de não se desviar da rota de unidade europeia, seu indispensável destino de solidariedade e progresso.